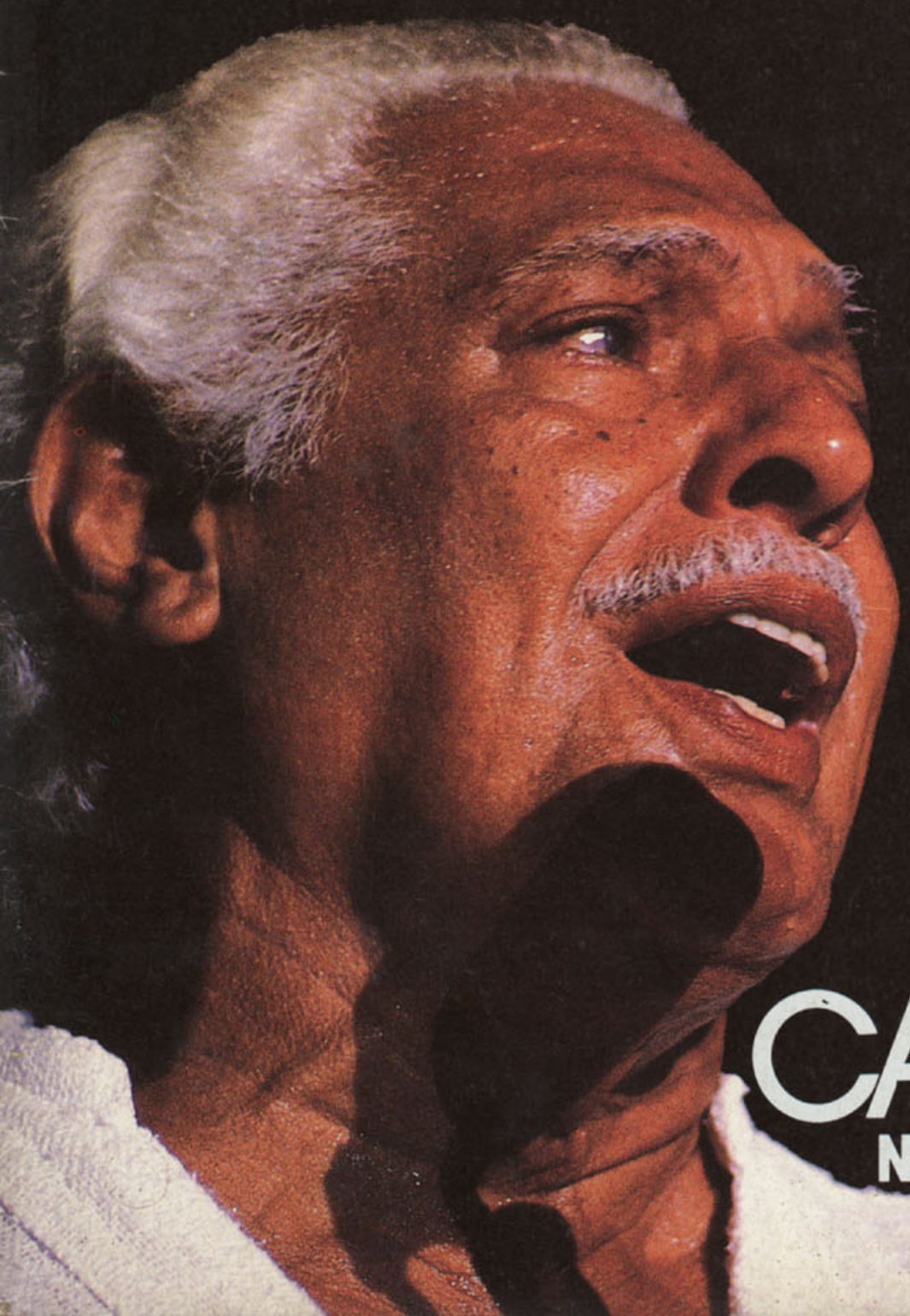


CD

Compact Disc



ANO 1 — Nº 4 JULHO DE 1991 — CR\$ 1.100,00



FRANK SINATRA
Os sucessos da juventude

SHIRLEY HORN
A voz e o piano de
um novo mito do jazz

E mais

- KOKO TAYLOR
- BOB DYLAN
- UAKTI • MOZART

EXCLUSIVO
GUIA DO CD
Os lançamentos do mês

CAYMMI
Na volta da Elenco



EDITORA GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Roberto Inneu Marinho
João Roberto Marinho
José Roberto Marinho
Ricardo A. Fischer

DIRETORIA

Ricardo A. Fischer, Fernando A. Costa, Flávio Barros Pinto, José Antonio Seler, Tadeu Vani Fuca

REVISTA DO

Compact Disc

JULHO — 1991

DIRETOR EXECUTIVO DE REVISTAS

Flávio Barros Pinto

DIRETOR EDITORIAL

José Roberto Nassar

DIRETOR DE PUBLICIDADE

José Roberto Sgarbi

DIRETOR DE MARKETING

Rogério Rabier

REDAÇÃO

Produção Editorial

Ediserv — Serviços Editoriais

Editor-Chefe: Sérgio Moliterno

Editor Executivo: José Maria dos Santos

Editora Assistente: Maria Erminia Ferreira

Secretária Editorial: Nilva Rocha Manosso

Revisor: Celso Duarte

Colaboradores: Alton Seligman, Brother Bill, Guilherme Velloso, Hélio Helman, Humberto Finatti, Jefferson de Sousa, J. Jota de Moraes, Maurício Kubrusly, Ruy Castro, Sérgio Cabral, Tórick de Souza (Crônicas), Cláudio Weber Abramo (Editor de Textos), Vergílio Antonio Martins (Consultor Técnico), João Carlos "Pelão" Botasselli, Nêze Arruda, Silvio Anjerami, Timóteo Lopes (Repórteres), Antonio Augusto Fontes, Oswaldo Maricato, Silvio Ferreira, (Fotógrafos), Paulo Nilson (Ilustrador)

ARTE

Editor: Hirokazu Ishikawa

Diagramadora: Márcia Nascimento

Secretário de Redação: Anílio Roberto Bonon

PUBLICIDADE

Gerente Nacional: Marco Aurélio Cinque

Gerente (SP): José Luiz Decourt Rico

Contatos: Maria Cristina Machado de Oliveira,

Maria Elizabeth Toledo Sague

Gerente geral (RJ): Antonio Farnesi

Gerente: Márcia Conti

Contatos: Vera Belin,

Jaqueline Fernandes

ESCRITÓRIOS REGIONAIS

Maria Tavares Parreiros (Belo Horizonte)

Isabel Leal Barros (Porto Alegre)

Maria Cristina Mendonça de Paula (Curitiba)

Adelina Pajolla Jr. (Ribeirão Preto)

SERVIÇOS DE MARKETING

DIRETOR: Raul de Aguiar

Coordenação e Tráfego: Juarez Leite Santa Clara (gerente)

Supervisor: Walter de Souza (SP)

Coordenador: Edson Ferreira de Oliveira

MARKETING

GERENTE DE GRUPO DE PRODUTOS: Roberto Tancredi

GERENTE DE PRODUTOS: Beatriz Bello

DIRETOR DE COMUNICAÇÕES: Mariana Costa Santos

GERENTE DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DE IMPRENSA: Luciano Machado

SUPERVISOR DE PLANEJAMENTO: David Casas

ÁREAS DE APOIO

CIRCULAÇÃO: Wanderlei Medeiros (gerente)

ASSINATURAS: Libirajara Romero (gerente)

PROMOÇÕES (rede de distribuição): Wilson Paschoal Jr. (gerente)

DIRETOR RESPONSÁVEL

Flávio Barros Pinto

A REVISTA DO CD - COMPACT DISC é uma publicação mensal da EDITORA GLOBO S.A. — Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Fernando Chiraglia Distribuidora S/A — Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro — RJ — Tel. (021) 577-6655. Distribuição em Portugal: Electrolibr Lda — Distribuidores de Publicações — Rua Vasco da Gama, 4 - 4A — 2685 — Sacavém — Portugal.

NÚMEROS ATRASADOS

A Editora Globo mantém suas publicações em estoque até seis meses após seu recolhimento. As publicações atrasadas são vendidas pelo preço da última edição lançada (arrastado, caso não haja alguma edição em bancas). Escolha entre as opções abaixo: 1. NAS BANCAS — Através do jornaleiro ou distribuidor Chiraglia de sua cidade. 2. PESSOALMENTE — Dirija-se aos endereços: São Paulo: Pça. Alfredo Issa, 18 - Centro - Tels. (011) 228-1841 e 229-9427, Rio de Janeiro: Rua Teodoro da Silva, 821 - Grajaú - Tels. (021) 577-4225 e 577-2355. 3. POR CARTA — Diretamente à Editora Globo, setor de Números Atrasados: Caixa Postal 289, CEP 06454, Alphaville, Barueri, São Paulo.

SERVIÇO AO ASSINANTE

Para qualquer informação sobre sua assinatura escreva para Editora Globo — Caixa Postal 6400 — CEP 01051 — São Paulo — SP, ou, se preferir, telefone para (011) 262-7211 (SP) ou (021) 273-5527 (RJ). Preço da assinatura: valor de capa da última edição multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinatura, exija credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Globo S.A. A Editora Globo garante aos assinantes desta publicação que a interrupção da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não foram entregues, ao preço do último exemplar em banca.

NOSSOS ENDEREÇOS

SÃO PAULO: Rua do Curume, 665 — Tel. (011) 262-3100 — Telex (011) 81574 — Fax (011) 864-0271 — CEP 05065. RIO DE JANEIRO: Rua Itapiru, 1209 — Tel. (021) 273-5522 — Telex (021) 23365. BELO HORIZONTE: Rua Pernambuco, 1072, 7º andar — Tel. (031) 226-7501 — CEP 30130. CURITIBA: Rua Marçal Deodoro, 51, com 806-A — Tel. (041) 224-3780 — CEP 80029. PORTO ALEGRE: Av. Mostardina, 333, com 811 — Moirinhos de Vento — Tels. (051) 22-9125 e 22-6186 — CEP 90000. RIBEIRÃO PRETO: Rua Prudente de Moraes, 1215 — Tel. (016) 636-0398 — CEP 14100. Impresso na CLY

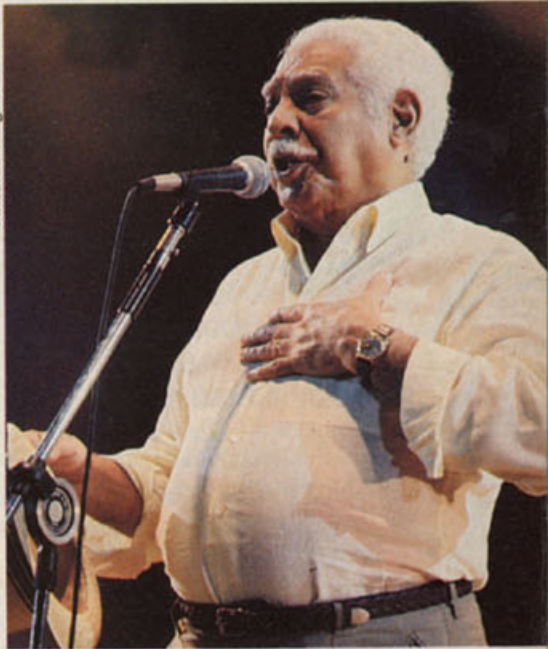
ANER

Compact Disc

Caro Leitor,

Em 1963, ao deixar a direção artística da Odeon para montar a sua própria gravadora, Aloysio de Oliveira não podia imaginar que estava criando um poderoso foco de renovação da MPB. Foi assim que nasceu a Elenco, uma gravadora pequena que não tinha estúdio nem (apesar do nome) elenco de artistas exclusivos. Em apenas cinco anos de existência, ela lançou pouco mais de 60 LPs, entre eles algumas obras-primas da fonografia brasileira. Vários desses discos estão sendo relançados em CD, num verdadeiro revival da Elenco. Sua curta (mas rica) trajetória é lembrada nesta edição pelo jornalista e crítico Sérgio Cabral; por Dori-val Caymmi, um dos nomes ilustres consagrados pela gravadora; e pelo próprio Aloysio de Oliveira, que vive em Los Angeles, sonhando em voltar para o Brasil. O também jornalista e crítico Ruy Castro lembra, com saudade, dos sucessos do jovem Sinatra na gravadora Columbia — “canções de títulos longos e sofrimentos idem”; e, com indisfarçada indignação, num desabafo apaixonado, das discriminações sofridas pelo velho Frank, que o tornaram, aos 75 anos, *A man alone*, título de um de seus famosos discos. Muitas coisas ainda — do menino-prodígio Wolfgang Amadeus Mozart às inovações sonoras do grupo Uakti e do violonista André Ger-raisati — são lembradas nesta edição.

Antonio Augusto Fontes



Caymmi, na volta da Elenco

Os Editores

Compact Disc

ANO 1 — Nº 4 JULHO DE 1991 — CR\$ 1.100,00

REPORTAGENS

16 Frank Sinatra, um homem sô

A opinião de Ruy Castro sobre os sucessos da juventude e as injustiças sofridas pelo maior dos cantores populares

21 Os carpinteiros da música

O grupo Uakti faz música e instrumentos de vanguarda — e também muito sucesso no exterior, em gravações com Milton Nascimento e Paul Simon

24 A Elenco está de volta

A trajetória da gravadora que revolucionou a MPB nos anos 60 é lembrada por Sérgio Cabral, Dorival Caymmi e por seu criador, Aloysio de Oliveira

31 Severino Araújo, o rei de 12 mil bailes

Entrevista com o fundador da Orquestra Tabajara, que há 58 anos vem se apresentando com sucesso por todo o Brasil

34 Da beira da tua ao CD

Comemorando 50 anos de carreira, a dupla sertaneja Tônico & Tinoco lança seu primeiro compact disc

36 Missa do Vaqueiro

A fidelidade do Quinteto Violado às raízes nordestinas, agora em CD

38 Mozart nasceu músico

Aspectos da vida e da obra do "mais naturalmente musical dos gênios da música erudita", comentados por J. Jota de Moraes

42 A voz e o piano de um novo mito

Com quase 60 anos, Shirley Horn é a mais nova dama do jazz, cultuada por monstros sagrados como Miles Davis e Wynton Marsalis

45 Sons inéditos e novas tendências

Assim é a música de André Geraissati, responsável pelo seu sucesso como violonista e compositor no Brasil e, sobretudo, no exterior

46 O CD usado conquista o mercado

Uma alternativa para quem quer trocar LPs por CDs ou comprar CDs mais baratos

48 Cuidando direito, não dá defeito

O que é preciso fazer para que os players e CDs funcionem bem

SEÇÕES

6 Correio

Espaço aberto para as opiniões, dúvidas, críticas e sugestões dos leitores

8 Bastidores

O que acontece no mundo do som digital

10 Display

Novidades em equipamentos produzidos no exterior

14 Check-up

Informações técnicas sobre o CD player AK 601, da Philips

58 CD News

Dicas de livros e discos importados

82 Eu e o CD

As afinidades de Pelé com a música e o som digital

CRÍTICAS

51 Clássicos

Sonatas para Piano, de Mozart (J. Jota de Moraes)

52 MPB

Quando Eu me Chamar Saudade, de Nelson Cavaquinho, e *Retratos*, de Radamés Gnattali (Tárik de Souza)

53 Jazz

Oscar Peterson Plays the Cole Porter Song Book (Guilherme Velloso)

54 Blues

Jump for Joy, de Koko Taylor (Brother Bill)

55 Pop & Rock

The Bootleg Series, de Bob Dylan (Jeferson de Sousa)



Frank Sinatra, pág. 16



Pelé, pág. 82



Tônico & Tinoco, pág. 34

56 Contramão

Maurício Kubrusly dá dicas e comenta a febre de relançamentos

57 Importados

Mato Grosso, de Sérgio Dias e Phil Manzanera (Jeferson de Sousa)

GUIA DO CD

60 MPB

69 Clássicos

72 Jazz & Blues

74 Pop & Rock

79 Miscelânea

FOTO DE CAPA: Jorge Rosemberg/Fotograma

A ELENCO está de volta

Caymmi, Tom, Vinicius, Nara, Baden e Edu Lobo estão novamente reunidos em uma coleção de seis CDs, reedições de históricos LPs produzidos por Aloysio de Oliveira nos anos 60

Sérgio Cabral

Quando Aloysio de Oliveira resolveu criar a gravadora Elenco, em 1963, ele já tinha uma experiência de 30 anos na música popular brasileira, como integrante do conjunto vocal Bando da Lua — com o qual viajou, em 1939, para os Estados Unidos, acompanhando Carmen Miranda. De lá voltou, em 1956, para assumir a direção artística da gravadora Odeon, onde permaneceu até 1961.

Nos Estados Unidos Aloysio era também uma espécie de diretor artístico de Carmen Miranda, selecionando e pesquisando repertório de música brasileira para a cantora. Na Odeon, foi o principal responsável pelas gravações dos primeiros discos da Bossa Nova, movimento a que se ligou não só na área das gravações como também na condição de compositor (foi um dos letristas das melodias de Tom Jobim).

A Elenco foi uma resposta que Aloysio de Oliveira pretendeu dar à Odeon, quando a gravadora dispensou alguns artistas muito ligados a ele, como Silvinha Telles e Sérgio Ricardo. Foi uma resposta difícil, pois ele não tinha dinheiro para montar uma empresa. Naquela época, porém, o Brasil ainda vivia a euforia do governo desenvolvi-

mentista de Juscelino Kubitschek (presidente da República até 31 de janeiro de 1961) e não seria impossível encontrar quem desejasse investir num empreendimento como aquele. E Aloysio saiu à cata de dinheiro com os amigos. Dois deles foram fundamentais na composição do capital inicial: Celso Frota Pessoa, padrao de Tom Jobim, e Flávio Ramos, empresário da noite e proprietário de boates onde Aloysio de Oliveira já realizara, como diretor, antológicos espetáculos com o pessoal da Bossa Nova. O passo seguinte foi o de encontrar a empresa para fabricar e distribuir discos, tarefas entregues à RCA Eletrônica Brasileira S.A.

Disco por contrato. A Elenco não tinha elenco

Não há como fugir do trocadilho: a Elenco era uma gravadora sem elenco. Aloysio decidiu que ninguém seria contratado por um longo período, ou seja, nada de contratos para mais de um disco. É verdade que alguns artistas, como Baden Powell, Edu Lobo, Roberto Menescal e Tom Jobim, gravaram mais de um LP, mas, para cada disco, havia um contrato. Não existia um estúdio exclusivo para a gravado-



Paulo Nilson



Antonio Augusto Fontes



ra, sendo utilizado ora o da Rio Som, ora o da Philips, ora o da RCA, ora o Hawai. Aloysio era muito exigente com as capas, e para isso contou com a ajuda de César G. Villela, autor de grande parte dos *layouts*. Em alguns discos, ao lado da ficha técnica, aparecia a foto de Aloysio de Oliveira, numa pose especial, com o cotovelo esquerdo apoiado num *spot*. Ele próprio se encarregava também de escrever pequenos textos nas contracapas, com informações que julgava úteis para os compradores dos discos.

Até 1967, quando paralisou as atividades da gravadora, passando-a em seguida para a Philips (atual Polygram), Aloysio gravou pouco mais de 60 LPs, entre os quais estão incluídas algumas obras-primas da fonografia brasileira. Mesmo como empresário, falava mais alto o seu lado de artista, preferindo arriscar-se em empreendimentos de risco a acompanhar as ondas que, eventualmente, dão a direção do sucesso comercial no mundo dos discos. Em outras palavras, não abria mão do que considerava qualidade. Quando o pessoal da RCA passou a exigir, por exemplo, que ele adotasse a linha do chamado *iê-iê-iê*, o que havia de mais vendável na época (Roberto Carlos já vendia centenas de milhares de discos e, no seu rastro, quase toda a turma da Jovem Guarda estava nas paradas de sucesso), Aloysio preferiu pendurar as chuteiras da Elenco. Afinal, sem abrir mão do seu gosto, a gravadora vinha sobrevivendo muito bem. O início das suas atividades, por sinal, foi tão promissor que, em dois meses, restituiu o dinheiro aplicado pelos amigos Flávio Ramos e Celso Frota Pessoa.

Tom gravou em dois dias. E ganhou cinco estrelas

Vivendo atualmente em Los Angeles, onde se recupera de duas operações de ponte de safena, Aloysio de Oliveira pode se orgulhar do trabalho realizado. Os seis CDs que agora são

O espetáculo de abertura do "Rio Show Festival" foi uma versão ao vivo do famoso LP da Elenco Caymmi Visita Tom (e leva seus filhos Nana, Dori e Danilo), que está sendo lançado em CD. Só Dori não pôde ir

O primeiro disco de Tom foi sucesso nos EUA

relançados constituem uma bela demonstração do que produziu. A gravação de **Antônio Carlos Jobim — The Composer of Desafinado Plays**, em Nova York, por exemplo, é um marco na história da Bossa Nova. Foi o primeiro disco gravado por Tom Jobim, graças ao êxito obtido por suas músicas nos Estados Unidos, com o lançamento do LP gravado por João Gilberto no Brasil. Tom gravou o disco em dois dias (9 e 10 de maio de 1963), tocando piano e violão ao lado do baterista brasileiro Édson Machado e de vários outros músicos importantes, entre os quais Jimmy Cleveland (trombone) e Leo Wright (flauta). O compositor brasileiro encontrava-se nos Estados Unidos desde novembro de 1962, quando

viajou para participar do famoso concerto de Bossa Nova no Carnegie Hall e lá permaneceu por mais alguns meses desfrutando do sucesso obtido, particularmente pelas músicas (compostas com Newton Mendonça) *Desafinado* e *Samba de uma Nota só*.

O disco foi um sucesso de público e de crítica nos Estados Unidos. Na revista "Down Beat", considerada a bíblia da música norte-americana, o crítico Pete Welding deu-lhe a nota máxima — cinco estrelas — e lamentou que não houvesse "mais estrelas para premiá-lo". Escreveu que as melodias de Tom Jobim "nunca são melosas ou patéticas; nunca descem ao trivial ou ao fácil. Melhor: elas transpiram um grande amor e humanidade".

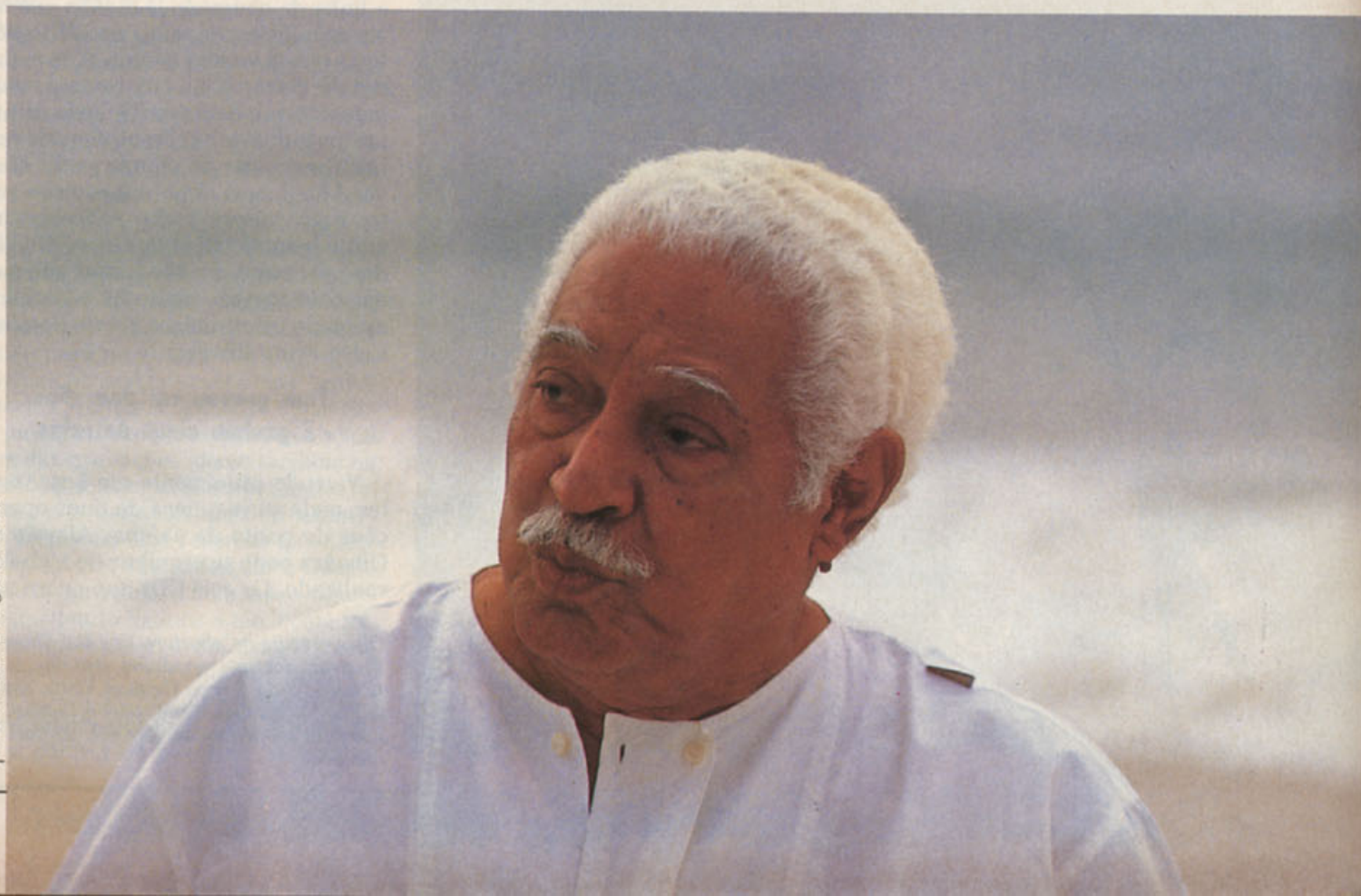
Elogiou os arranjos de Claus Ogerman (que, daí em diante, ficou muito ligado a Tom), por capturarem "perfeitamente a essência da jovialidade e melancólica tristeza de Jobim" e os solos de Tom, "com sua maravilhosa extensão rítmica e clareza melódica".

"Esse disco", escreveu Welding, "é um imperturbável deleite do princípio ao fim, oferecendo uma celebração perfeitamente realizada da pura, rápida e bruxuleante beleza melódica, sem um simples traço do planejado ou do trabalhado. Se o movimento chamado Bossa Nova tivesse produzido nada mais do que esse álbum, teria sido mais do que justificado."

Com tal repercussão nos Estados Unidos, Aloysio de Oliveira tratou ime-

O que é que Caymmi tem

Aos 77 anos, morando no interior de Minas, o baiano Dorival Caymmi fala de sua trajetória musical, que está ligada à gravadora Elenco e parece copiar um dos versos da sua famosa Suite dos Pescadores: uma estrela d'alva o acompanha por toda parte — perto ou longe do mar. É o que revela neste depoimento à Revista do CD. A seguir, seus principais trechos





Tom Jobim reviveu no "Rio Show Festival" seus sucessos na Elenco, onde gravou seu primeiro disco — um marco da Bossa Nova

O parto da Elenco

- "Nós, artistas, costumávamos nos encontrar nos bares do centro do Rio, perto das gravadoras, principalmente no Vilarinho. Aloysio de Oliveira, que criou a Elenco, era uma pessoa muito querida no grupo. Ele tinha muita ligação com os meninos da Bossa Nova, foi o grande centro nervoso do movimento. Ele catou a garotada e levou para a Odeon. Pois bem: depois veio com a idéia da Elenco, sempre discreto, como sempre foi. Conversávamos no Vilarinho, na casa dele, na minha casa. A Elenco foi uma idéia bem-nascida e bem protegida pelo alto-astral de todos. Vinha o aviso: estúdio amanhã. E todo mundo ia. Como toda empresa sem capital seguro, não teve sustentação. Mas ficou."

Caymmi & Vinicius no Zum Zum

- "Após o sucesso do show de Tom Jobim, João Gilberto e Os Cariocas no Au Bon Gourmet, Paulinho Soledade teve a idéia de fundar o Zum Zum, ali no começo da Rua Barata Ribeiro, que se tornou um espaço musical muito bonito. E lá fomos para o show, que virou disco: Vinicius, eu, Paulinho e o Quarteto em Cy. Mas, antes, é preciso contar como conheci Vinicius."
- "Vou puxar a brasa para a minha sardinha: a música de que mais gostei desse show e do disco é *Das Rosas*.

diatamente de lançar o disco no Brasil, através da sua Elenco. Tom Jobim, por sinal, foi uma figura permanente na Elenco, gravando sozinho ou ao lado de outros personagens da música brasileira ou da música internacional. Um desses personagens foi Dorival Caymmi. Esse disco está sendo relançado agora, beneficiado pelo puro som do CD. Com isso, será possível desfrutar de faixas imperdíveis, entre as quais uma antológica *Saudade da Bahia*. Aliás, Caymmi jamais poderá ser acusado de más companhias.

Outro disco da série é aquele que reproduz o inesquecível show realizado em 1964, na boate Zum Zum, que contou também com a participação de Vinicius de Moraes, do Quarteto em

Mas a parte declamada por Vinicius é muito bonita, talvez porque ele justamente não fosse um declamador técnico. Transmitia muita ternura, muita emoção."

Encontros no Leblon

- "Comecei a ouvir falar de Vinicius por volta de 1931, 33. Éramos estudantes influenciados pela música americana. Como cantou Noel, 'o cinema falado/foi o grande culpado...'. Em 1938, quando eu já estava no Rio com a minha *O que É que a Baiana Tem*, a fama de Vinicius já era grande nas rodas elegantes, principalmente como poeta. Mas só mais tarde nos cruzamos, quando também fui morar no Leblon."

Longe do mar

- "Quando me perguntam por que eu que gosto tanto de mar, fui morar em Piqueri, em Minas, tão longe do mar, respondo: é amor. Minha mulher, Estela, nasceu lá e gosta de lá. Eu também!"

Primeiro, a cidade foi São Pedro do Piqueri; depois, Vila do Piqueri. E, finalmente, Piqueri. É uma cidade muito gostosa, perto de Juiz de Fora. Há muito, muito tempo, Estela me falou do lugar onde ela nasceu. Quis conhecer, fomos para lá nos anos 40, com cinco anos de casamento. O trem maria-fumaça, o ribeirão correndo no meio, aquele horizonte de montanhas

Cy e do conjunto de Oscar Castro Neves. A gravação não foi feita na boate porque — como explicou Aloysio de Oliveira na contracapa — "não podemos arriscar uma gravação ao vivo". Ele achou que uma gravação no estúdio garantiria "toda a beleza musical que este show proporcionou".

Cantando músicas tradicionais, Nara inovava

O quarto disco da série foi um dos grandes acontecimentos musicais daqueles primeiros anos da década de 60. Com o nome *Nara*, era um LP em que Nara Leão, a eterna musa da Bossa Nova, não cantava Bossa Nova. Explica-se: naquela época havia uma

suaves. Alugamos uma casa e íamos passar férias com as crianças. Nessa época só tínhamos a Nana e o Dorri; Danilo não havia nascido."

Perto do mar

- "Não estou longe do mar, porque o mar é a minha identidade. Ele é meu elixir, meu passado, presente e futuro. Além do mais, na geografia do meu tempo, aprendi que ele ocupa 3/4 do planeta."

Águas perfeitas

- "A gente distende a vista e o espírito no mar. E, assim, sem forçar, calmo e na espera, ele faz a gente refletir. Mas tem a sua hora de agitar, que, no meu entender, também é necessária. Tentei levá-lo para minhas músicas. É bom lembrar que o mar é linear e redondo. É perfeito."

Aquarela de sossego

- "Para fazer música em Piqueri, eu só preciso organizar meu material de som. Pouca gente sabe que não uso violão para compor, embora goste muito dele. Nessa hora o violão me atrapalha. Vou fazendo a letra, pensando na música; para depois colocar a harmonização. Preciso levar muita coisa para lá: material de leitura e de pintura, que tenho comprado no Rio. Pretendo fazer algumas experiências com aquarela e acrílico."

A Bossa Nova se dividiu, mas João Gilberto

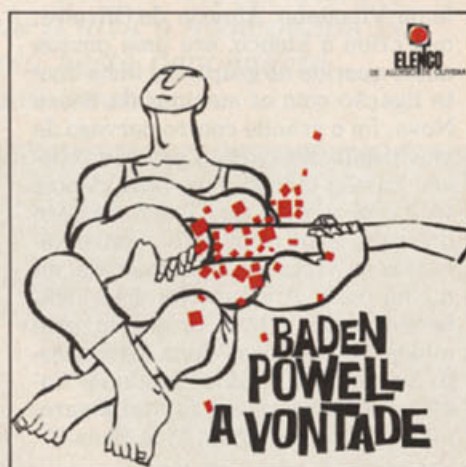
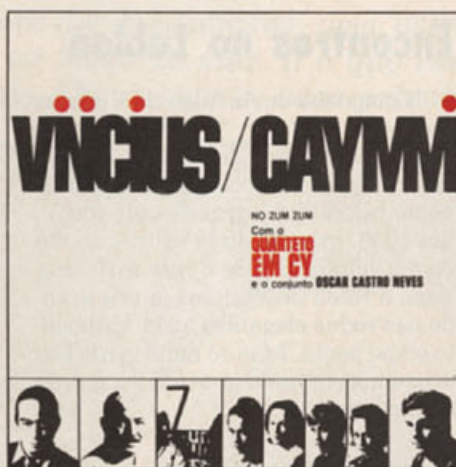
grande discussão ideológica em torno da música popular brasileira e, em particular, da Bossa Nova. O grande responsável por isso foi o compositor Carlos Lyra, que achava um absurdo a BN permanecer cantando "o amor, o sorriso e a flor", enquanto o povo estava morrendo de fome. Era necessário cantar os problemas do povo, além de identificar-se com a música mais popular, feita por essa gente que enfrenta, de fato, as injustiças sociais.

Discurso feito, a Bossa Nova se dividiu. De um lado, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Sérgio Mendes e outros, achando que compositor não deve se meter em política. De outro (João Gilberto não se pronunciou sobre o assunto), o próprio Carlinhos Lyra, Sérgio Ricardo e todos aqueles identificados com o Centro Popular de Cultura, o famoso CPC, da União Nacional dos Estudantes. Tom Jobim não se pronunciou, mas seu parceiro, Vinicius de

Moraes, fazia letras "participantes" sobre as suas melodias. Nara Leão encantou-se com a tese de Carlinhos Lyra e com o proselitismo do pessoal do CPC, particularmente do autor e ator teatral Oduvaldo Vianna Filho. Passou a freqüentar o Zicartola, templo do samba carioca, e lá recolheu algumas das músicas que seriam incluídas no seu primeiro LP. "Eu estava tão convencida da minha posição" — contava Nara Leão numa entrevista, anos

Os anos dourados da MPB

Durante sua curta existência — de 1963 a 1967 — a gravadora Elenco, criada pelo lendário Aloysio de Oliveira, lançou vários discos que se tornaram verdadeiros marcos da música popular brasileira, em especial da chamada Bossa Nova, como estes seis LPs que estão chegando novamente às lojas, agora reeditados no formato de CD



e Tom Jobim não se pronunciaram

depois — “que já estava achando a Bossa Nova uma música muito chatinha. Cheguei a dizer que a Bossa Nova me dava sono.”

O que pouca gente observou é que, apesar de cantar músicas tidas como tradicionais, Nara estava inovando, graças, principalmente, às harmonias criadas por Geraldinho Vespar no violão e que davam a uma música como *Diz que Fui por aí* (Zé Kéti e Hortência Rocha) um acompanhamento que o samba desconhecia até então.

Os outros dois discos da série apresentam artistas também muito identificados com a gravadora Elenco. Foi lá que Edu Lobo estreou em disco, numa fase em que compunha algumas das suas obras-primas e se destacava como um dos grandes nomes da geração pós-Bossa Nova. Baden Powell já havia gravado anteriormente, mas, só na Elenco, registrou quatro LPs. O disco escolhido para o relançamento — **Baden Powell à Vontade** — é um dos melhores da sua discografia. Atenção para a faixa *Sorongaio*, em que divide a apresentação com o genial percussionista Pedro Sorongo.

Agora é torcer para que a idéia de transformar os discos da Elenco em CDs não fique por aí, pois poucas gravadoras se identificaram tanto com a música dos anos 60 — uma época que a história da música brasileira registrará como uma das melhores de todos os tempos. Tão rica quanto aqueles tempos só a passagem dos anos 20 para os 30, quando surgiu a geração de Noel Rosa, Ari Barroso, Lamartine Babo, João de Barro, Carmen Miranda e tantos outros imortais. Já que foi lançado um disco de Edu Lobo, por que não lançar também **Edu e Bethânia**, para ouvirmos num som maravilhoso os dois cantando *Pra Dizer Adeus*? De Baden Powell, somos credores do relançamento que registra o seu encontro com o baterista Jim Pratt e também da gravação nova do seu inesquecível show no Teatro Santa Rosa. Por falar em Baden, que tal ouvirmos novamente os sambas que ele e Vinicius de Moraes fizeram em Paris e enviaram para **Ciro Monteiro** gravar? E o grande **Ciro** dá um show de interpretação em músicas como *Deixa, Amei Tanto, Formosa e Tempo Feliz*, além de praticar um gesto que talvez seja inédito na mú-

sica popular brasileira. Conto o caso. **Ciro** ouviu as fitas com os sambas de Baden e Vinicius e verificou que não eram suficientes para um LP. Faltava, pelo menos, uma faixa. Ele compôs um samba, *Alô João*, e gravou, dando sua autoria a Baden Powell e Vinicius de Moraes. Eu estava com Baden quando ele ouviu *Alô João* pela primeira

vez, através de uma emissora de rádio.

— Ouvimos, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, com **Ciro Monteiro**, *Alô João*.

— Mas isso não é meu! — espantou-se o magnífico violonista e compositor.

Como eu sabia de tudo, contei a história para ele. Só **Ciro Monteiro** seria capaz de fazer uma coisa dessas. ☉

O SONHO DO REGRESSO

Aos 76 anos e morando em Los Angeles, na Califórnia, Aloysio de Oliveira — integrante do lendário Bando da Lua e criador da gravadora Elenco — sonha em voltar para o Brasil. É o que revela neste depoimento exclusivo à Revista do CD

“**A** Elenco foi realmente uma coisa muito boa na minha vida. A despeito de tudo, dos problemas e das dificuldades, deu certo porque tinha de dar certo. A história da Elenco todo mundo conhece. E foram tantos os seus discos, que para mim é difícil dizer qual foi o melhor. Embora a idéia de juntar grandes artistas — como, por exemplo, Caymmi e Vinicius — tenha sido elogiada, a mim parecia uma coisa óbvia.

“Eu entendia o disco como um show, mais do que qualquer outra coisa. Talvez essa percepção seja influência do meu contato com o *show business* norte-americano desde os tempos do Bando da Lua. Como já disse muitas vezes, resolvi criar a Elenco porque queria fazer aquilo de que gostava. Não tinha a pretensão de tomar conta da praça. E tive a felicidade de trabalhar com o primeiro time.

“Tenho saudade de todos. Do Caymmi, que não vejo há cinco anos; do Edu Lobo, que não vejo há três, desde a última vez que estive no Rio; do Baden, que não sei por onde anda. O Tom tem falado comigo pelo telefone: sempre que vem aos Estados Unidos, ele me telefona. Aqui na minha casa, na Califórnia, não tenho ouvido música — nem toca-discos eu tenho. Mas a verdade é que a saudade do Brasil é muito grande. Eu gostaria de voltar para ficar, é lógico. Meus amigos estão aí,

e é aí no Brasil que eu posso conversar. Eu queria voltar, mas, pensando bem, não tenho nada para fazer no Brasil. É saudade mesmo.”



Aloysio de Oliveira

MPB



a música de Dorival Caymmi



VÁRIOS

A Música de Dorival Caymmi

Nunca mais; Dora; Eu não tenho onde morar; João Valentão; Você não sabe amar; Só louco; ...Das rosas; Saudade da Bahia; Oração de Mãe Menininha; Marina; Nesta rua tão deserta; O samba da minha terra; Sábado em Copacabana; Nem eu; Não tem solução; Nunca mais.

POLYGRAM — 848853-2 —

Dorival Caymmi consegue o mais difícil: o mais simples. Muitas de suas criações parecem uma canção de roda: da primeira vez que se ouve, já parece muito familiar, tudo redondinho. Poucos compositores atingem essa excelência. E um pouco disso pode ser percebido nessa coletânea... nem sempre com a melhor interpretação de cada obra. (4)



CAETANO VELOSO/GAL COSTA/GILBERTO GIL

Temporada de Verão

Quem nasceu; De noite na cama; O conteúdo; Terremoto; O relógio quebrou; O sonho acabou; Cantiga do sapo; Acontece; Felicidade.

POLYGRAM — 848452-2 — AAD

Este disco é de 74. Oferece um registro parcial das apresentações de Caetano, Gil e Gal no Teatro Vila Velha, em Salvador. Está aí o sucesso *Felicidade*, a cançãozinha de Lupicínio Rodrigues que Caetano gravou com toda suavidade. Para os colecionadores da obra completa de Caetano — que já existe quase toda (mercidamente) em CD. (4)



VÁRIOS

Gosto de Brasil

Suíte nordestina: homenagem a Luiz Gonzaga; Estrada de Canindé/Qui nem jiló; Baião cigano; Paraty; Mangabeira; Xangô; Serena; Minha esperança; Choro acadêmico; Disparada; Rubi grená; Maria Bonita.

CAJU MUSIC — 843067-2 —

Aqui só tem craque. Olha a escalação: violão, Nonato Luiz; percussão, Djalma Corrêa; baixo acústico, Luiz Alves; flauta, Mauro Senise. Além desse time de instrumentistas, a participação vocal de Clarisse Grova. Quer dizer: a gravação não é boa apenas porque trouxe de volta o violão de Nonato, que andava meio esquecido. (4)



TOQUINHO

Instrumental

Asa Branca; Caro Raul; Misturando idiomas; Tarde em Itapoá; Regra três; O vento; Choro chorado pra Paulinho Nogueira; Hotel de la ville; Berimbau; Saudade da Bahia; Manhã de Carnaval; Bento Chaves.

CAJU MUSIC — 843836-2 — AAD

Toquinho começou a carreira de boca fechada. Depois da parceria com Vinicius de Moraes, muita gente começou a achar que Toquinho era um cantor que se acompanhava ao violão. A verdade está no avesso — Toquinho toca muito bem violão. E tem feito isso muito pouco, nos últimos anos. Por isso, palmas para um disco sem palavras. (4)

Neste **GUIA DO CD** estão relacionados os CDs de fabricação nacional lançados nos meses de junho e julho, de acordo com as informações fornecidas pelas gravadoras até o dia 4/6/91. Os discos estão agrupados segundo uma classificação em quatro rubricas básicas (MPB, Pop & Rock, Clássicos, Jazz & Blues) e uma categoria especial (Miscelânea), que abrange diversos gêneros musicais. Todos os discos são apresentados com a reprodução de sua capa, ficha técnica, número de catálogo e sistema de gravação (AAD, ADD, DDD). Este último item só não é indicado nos casos em que não há registro no disco, por omissão da gravadora. Isso geralmente acontece nos casos em que o sistema de gravação é do tipo AAD. Essas apresentações são acompanhadas de comentários que, nesta edição, foram feitos pelos críticos Lau-

ro Lisboa Garcia (MPB, página 67); Maurício Kubrusly (MPB e Miscelânea, páginas 80 e 81); Jeferson de Sousa (Pop & Rock); J. Jota de Moraes (Clássicos); Hélio Helman (Jazz); Brother Bill (Blues) e Humberto Finatti (Miscelânea, pág. 79). Os comentários são complementados por avaliações, que variam de 1 a 5, correspondentes a: 1 (ruim); 2 (razoável); 3 (bom); 4 (muito bom); 5 (excelente).

TRÊS LETRAS-CHAVE

Na hora de comprar um CD, você deve procurar três letras na capa do disco. Elas indicam o processo e a qualidade de gravação.

Esse processo compreende três etapas básicas: registro, mixagem (ou montagem) e masterização (produção da matriz, da qual se originam todas as cópias do disco que está sendo gravado). No ca-

so de um CD, as duas primeiras etapas são designadas pelas letras **A** (de *Analogico*) ou **D** (de *Digital*), de acordo com o sistema em que foram processadas. Mas a terceira etapa é sempre digital, já que esta é a técnica utilizada na reprodução do disco.

Existem, portanto, três sistemas de gravação de um CD. Se o registro e a mixagem são analógicos (quer dizer, pelo sistema tradicional), e somente na etapa de produção da matriz os sons gravados são traduzidos para a linguagem digital, temos um CD do tipo **AAD**. Se apenas o registro for analógico, com a transcrição para o sistema digital feita já na mixagem, temos um CD do tipo **ADD**. E, finalmente, se as três etapas são feitas no processo digital, temos um CD do tipo **DDD**, com melhor qualidade de reprodução sonora.



SUCESOS INESQUECÍVEIS DE JOSE MENDES ÚLTIMA LEMBRANÇA



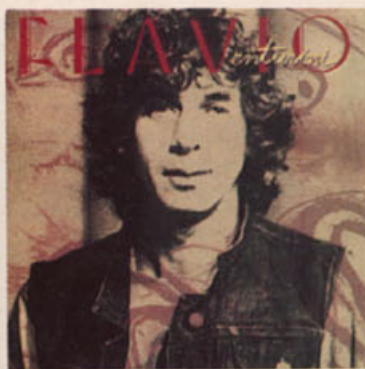
JOSE MENDES

Última Lembrança

Pára Pedro; Roubo da gaita velha; Três companheiros; As coisas do meu rincão; Baile de rancho; Vá embora tristeza; Andarango; Não aperta Aparício; Churrasco; Palavra triste; Roubei a fazendeira; Picaço velho; Última lembrança; Surpresa da vida.

SOM LIVRE — 4001004 —

Para muitos, a "última lembrança" de José Mendes é única: a satírica *Pára Pedro*, que fez algum sucesso entre regionalistas de toda sorte, em 1967. Exceto por ela, e em parte por *Não aperta Aparício*, o compositor gaúcho não saiu do anonimato de capinador e amansador de cavalos, atividades nas quais se orgulhava de ser campeão. ①



FLÁVIO VENTURINI

Espanhola; Nascente; No trem do amor; Noites de junho; Princesa; Chama no coração; Fantasia barroca; Pensando em você; São Tomé; Preciosa; Alice; Andarilho de luz; Rouxinol; Caramelo; Trilhas; Solidão; Jardim das Delícias.

EMI — 364795690-2 —

O ex-14 Bis ainda agrada a alguns fãs do rock progressivo, na linha de O Terço, do qual herdou manhas e manias. Só que a performance de Flávio não comporta comparações quando abre a boca para recriar canções de sua autoria que fizeram sucesso com Sá & Guarabyra ou Milton Nascimento. E, quando fica só no instrumental, passa apertado. ②



TITO MADI

Especial

Chove lá fora; Cansel de ilusões; Chuvas de verão; Sonho e saudade; Eu e a brisa; Pra você; Apelo; Vim; Carinho e amor; Quero-te assim; Por causa de você; Minha; Eu sei que vou te amar; Molambo; Alguém como tu; Corção vagabundo; Pra machucar meu coração; Canção da volta; Neste mesmo lugar; Pra dizer adeus.

EMI — 795604-2 — AAD

Impossível desvincular Tito Madi de sua principal referência, *Chove lá fora*, que nos áureos tempos chegava a bisar 15 vezes em shows. Típico cantor da noite, que conheceu o sucesso nos anos 50, hoje, com essa e outras, não deixa de ser — como Dick Farney — bom para acalantar a rebordosa de quarentões madrugadas afora. ②



VÁRIOS

Grandes Intérpretes da MPB

Carolina; Manhã de Carnaval; Menina; Travessia; Preta pretinha; Viola enluarada; Tarde em Itapoá; Pra não dizer que não falei das flores; Chove chuva; Flor de Liz; Que maravilha; Alguém como tu.

RGE — 3426055 —

Com exceção de Agostinho dos Santos e Dick Farney, nenhum dos demais cantores que aparecem neste CD se tornou conhecido como grande intérprete da MPB. Tantos sucessos malhados, tocados na seqüência, podem entediar ouvintes mais exigentes. Repertório na medida, para quem aprecia botequins com música ao vivo. ②



VÁRIOS

Grandes Compositores/Dorival Caymmi

Dora; Saudade de Itapoá; João Valentão; Eu não tenho onde morar; Acalanto; História de pescadores; Saudade da Bahia; Só louco; Marina; Não tem solução; Lá vem a baiana; Sábado em Copacabana; Vamos chamar o vento; O que é que a baiana tem?

RGE — 3426060 —

Quem ainda não sabe *O que é que a baiana tem* jamais vai ficar sabendo com este CD. Também não é por esta interpretação de Maria Creuza que alguém vai sentir *Saudade da Bahia*. Dá pra entender por que Pocho chora *Eu não tenho onde morar*. Apesar disso, o restante desta compilação do mestre baiano até que não sofre tanto. ②



ÂNGELA MARIA

Grandes Sucessos

Amante bandido; Prisioneira; Que será?; Mormação; Matrix ou filial; Serejata suburbana; Teu retrato; Apenas mulher; Errei, sim; A partida; Tango nostalgia; Jura-me; Deus; Ronda; Ternura antiga; A noite do meu bem; Como vai você; Estrela da canção; Cabecinha no ombro; Amélia de você.

EMI — 795605-2 — AAD

Ângela é um sucesso em qualquer parada. Até Cazuzza já fez uma música especialmente para ela. E mesmo quem lhe cobra um repertório mais sofisticado, à altura de sua voz privilegiada, não deve deixar de se deliciar com suas preciosidades kitsch. Como neste CD, em que faz a média com o gosto popular e standards da MPB. ③